

fonte:

JB

class.:

45

data:

7/2/95

pg.:

9

Índios isolados do Brasil

SYDNEY POSSUELO *

No mais profundo do coração da grande selva, além do último ribeirão, silenciosos vultos humanos se movimentam. Não mais que um punhado de gente, alguns homens e mulheres, pouca ou nenhuma criança. Serão quinze ou trinta e, nos melhores casos, sessenta e oitenta almas, quem sabe ao certo? Empunhando arcos e flechas, caçam, pescam ou coletam. Alguns ainda arriscam acanhada agricultura em ridículos espaços. Outros vigiam. Há muito tempo aprenderam a ser silenciosos. Na impossibilidade de resistirem, esquivam-se dos perigosos intrusos, muito mais fortes e numerosos que eles. Uma gente de língua e hábitos estranhos que se espalha por toda a parte, diminuindo cada vez mais os seus espaços. Uma gente cuja memória tribal recorda sempre com medo e pavor. Medo das ciladas e das constantes perseguições que por dias a fio os caçavam como animais nas brenhas da selva, terminando quase sempre em estrondosos ataques. De raros e furtivos encontros que não acabavam em lutas, resta também a lembrança das terríveis doenças que, como espíritos maus, eles deixavam a flutuar no meio do grupo. Tão fortes eram as doenças que nem pajés e maracás podiam espantar o espectro da morte que os dizimava, reduzindo-os a estes magotes errantes.

Forçados a uma vida errante e de constantes sobressaltos, transformaram as coisas de que dependem: a aldeia não mais existe, substituída que foi pelo acampamento provisório, e a maloca grandé e acolhedora pelo pequeno e frágil tapiri. Seus bens pessoais estão diminuídos e adaptados às constantes fugas. A redução numérica do grupo alterou tão profundamente o comportamento social de forma a permitir o que antes era incestuoso, quebrando tabus estabelecidos a um tempo em que a memória não mais alcança. A perda dos referenciais geográficos onde seus heróis e deuses habitavam, onde se explica a ordem do mundo, transformou em vagas lembranças muito da sua história e nebulosas suas próprias origens. Cada vez mais reduzidos,

crece a consciência do seu fim. Nada os auxilia, nem deuses, heróis ou espíritos.

Assim vivem e assim morrem os índios isolados do Brasil. Restos de povos que chegaram aos nossos dias com marcas profundas do enfrentamento que sustentaram com a sociedade brasileira durante seus sucessivos ciclos de expansão. É fundamental que se compreenda que não nos referimos aos índios assistidos pela Funai, entidades religiosas ou organizações não governamentais. Falamos de uma gente quase desconhecida que se manteve isolada, em relativo estado original, desde a época do descobrimento até os nossos dias. Resistem bravamente à penetração dos seus domínios e, quando não podem mais sustentar a luta, internam-se ainda mais na selva, até serem alcançados por outro e mais outro empreendimento, eternizando o ciclo vicioso de uma existência de fugas e sobressaltos.

Estudos a respeito apontam o desaparecimento de 87 grupos isolados no período de 1900 a 1957. A Funai possui informações de vários pontos na Amazônia brasileira indicados como de possível existência de índios isolados. Urge confirmar a veracidade dessas informações antes de acelerar qualquer tipo de ocupação para, a partir daí, estabelecer providências que assegurem a sua sobrevivência. Eles são totalmente dependentes da ação protetora do Estado, estando, pois, à mercê do nosso interesse ou indiferença. Hoje, quando a consciência ecológica impôs proteção ao meio ambiente e preservação da fauna e flora, ainda permitimos que seres humanos sejam submetidos a condições cruéis como a que tentamos descrever neste artigo.

O novo governo que agora assume, ainda que assoberbado com os grandes problemas da sociedade urbana, não pode ficar indiferente ao drama que, sufocado pela distância e imensidão da selva, transforma em meras referências históricas os últimos representantes de grandes povos indígenas de outrora.

* Sertanista e diretor do Departamento de Índios Isolados. Ex-presidente da Funai